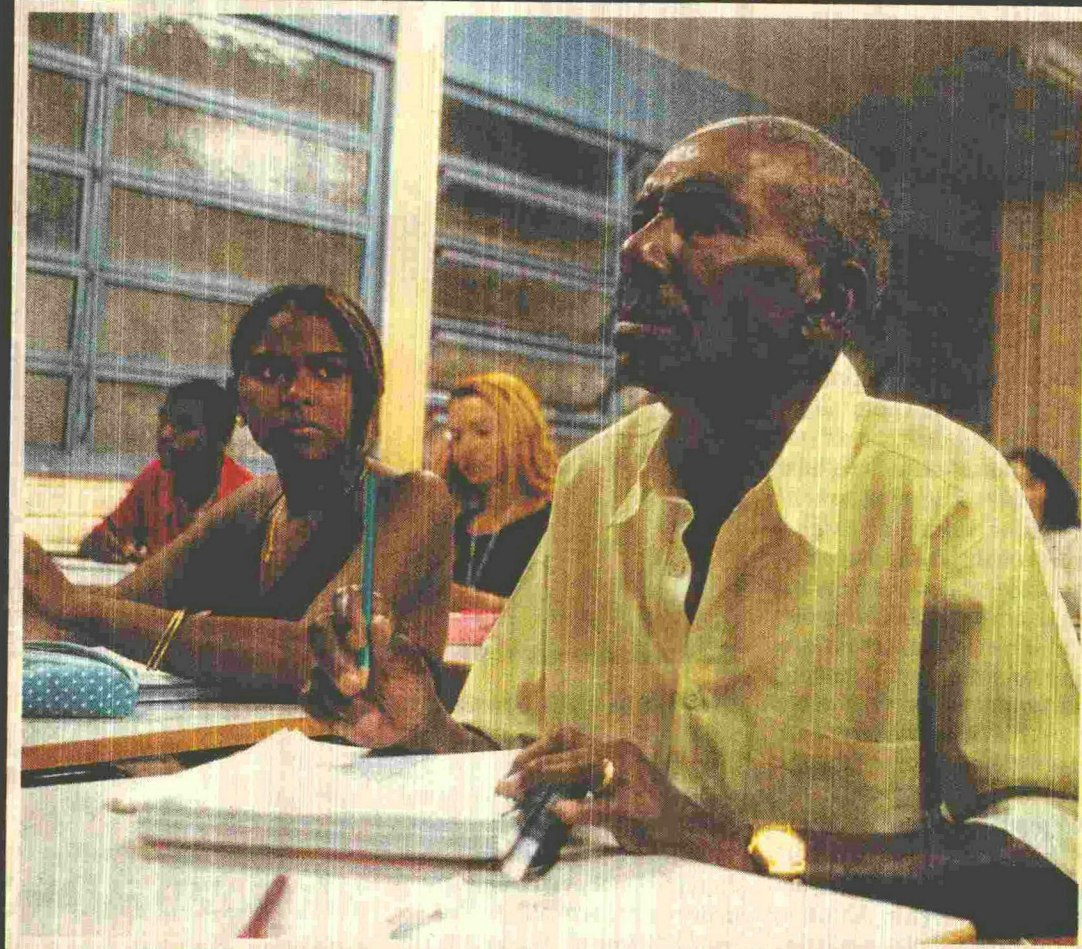


# Na escola, mas fora da idade

Paulo de Araújo/CB



APOSENTADO, MILTON FAZ A 5ª SÉRIE AO LADO DE JOVENS ALUNOS: VOLTA ÀS AULAS 50 ANOS DEPOIS

ERIKA KLINGL  
DA EQUIPE DO CORREIO

Todas as tardes, por volta das 18h, o aposentado Milton Lopes, de 64 anos, toma banho, escolhe as melhores roupas, pega o caderno, a caneta e o lápis e caminha até a escola. Mais de meio século depois de frequentar pela última vez uma sala de aula, ele resolveu voltar a estudar. Milton é o mais velho da 5ª série do ensino fundamental no Centro de Ensino 4, do Guará. Mas engana-se quem pensa que ele está sozinho. Assim como o aposentado, existem outros 3.366 alunos com mais de 18 anos de idade matriculados atualmente em turmas do ensino fundamental regular da rede pública do Distrito Federal, aquele em que cada período letivo, da 1ª à 8ª série, dura um ano. A conta é da Secretaria de Educação, segundo as matrículas deste ano.

Dados do Censo Escolar de 2006, tabulados segundo as 14 regionais de ensino, mostram que os casos se repetem em todas as regiões administrativas do DF. Naquele ano, só no diurno, eram 2.125 alunos maiores de idade em turmas de 1ª a 8ª série do fundamental. Para se ter uma idéia do tamanho da defasagem desses estudantes, aos 14 anos, de acordo com a relação idade-série, eles já deveriam estar a caminho do ensino médio. Na prática, se um aluno nunca repetiu de ano ou

saiu da escola, chega à 5ª série com 11 ou 12 anos.

Os motivos mais comuns para o atraso escolar são abandono e repetência. No Distrito Federal, de acordo com dados do Ministério da Educação (MEC), a soma dos dois fatores gira em torno de 20% das matrículas da educação básica. É verdade que não há nenhuma lei que impeça alunos com mais de 18 anos de estar no ensino regular, mas o Parecer 05/1997 do Conselho Nacional de Educação (CNE) define que jovens com idades entre 15 anos e 18 anos devem estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) de ensino fundamental e médio, respectivamente. O EJA é o antigo supletivo. A orientação deve-se ao fato de o ensino de jovens e adultos ter linguagem mais indicada aos estudantes mais velhos e permitir que eles se formem mais rápido.

No DF, a conjugação de dois fatores afasta os mais velhos do EJA. O primeiro é a falta de vagas, principalmente para estudantes nas turmas do ensino fundamental. Na escola do "Seu Milton", como o aposentado é chamado pelos colegas de classe, só há ensino para jovens e adultos da 1ª à 4ª série. Para continuar a estudar, os alunos têm que optar pelo regular. Mas o preconceito contra o antigo supletivo também pesa. Muitos acreditam que o ideal é cursar o ensino regular, que é mais longo. "O EJA tem 500 horas de aula e o ensino fundamental

tem 1.000 horas", argumenta a diretora do Centro de Ensino 7 da Ceilândia, Maria José Fernandes, a Zezé. "Para quem já está quase no fim do ensino fundamental ou no fim do ensino médio eu recomendo continuar no regular."

## Fazer contas

A decisão de voltar a estudar foi difícil para Seu Milton. A idéia de ir para a escola mal passava em sua cabeça até que ele descobriu um câncer e perdeu a filha, de apenas 3 anos, que morreu por sufocamento na creche. A tragédia acaba de completar dois anos e a tristeza tomou conta dele. Ficar em casa à noite se tornou insuportável. "Gosto de ir para a escola porque exercito minha cabeça com outras coisas. Adoro estudar, principalmente matemática. Por toda minha vida quis saber fazer contas", afirma.

O aposentado tinha estudado até a 3ª série em Colatina, no Espírito Santo, sua cidade natal. Ano passado, ele se formou na 4ª série, na escola do Guará. No dia da formatura, comemorada na biblioteca do colégio, Maria Aparecida Moreira, de 32 anos, mulher de Milton há sete, decidiu que já era hora de aprender a ler e escrever. Hoje, também está no colégio do Guará e sonha ser professora de português.

LEIA MAIS SOBRE ADULTOS NO ENSINO FUNDAMENTAL NA  
PÁGINA 28

Informe Publicitário



## GDF TENTA JOGAR A POPULAÇÃO CONTRA OS PROFESSORES

Diante das recentes acusações feitas pela secretária de Educação à categoria dos educadores do DF, o Sindicato dos Professores afirma:

- Os professores do Distrito Federal são os profissionais de Educação mais bem qualificados do país. Na sua quase totalidade, possuem curso superior completo e boa parte possui pós-graduação em diversos níveis.
- Apesar de serem altamente qualificados, os professores do DF são, entre as carreiras com nível superior, os que ganham os menores salários.
- A rede pública de ensino do DF enfrenta graves problemas com a falta de estrutura física, ausência de laboratórios e bibliotecas, salas superlotadas, entre outros. Tais problemas são causados pela histórica falta de investimento em Educação.
- Por não serem valorizados e tratados com respeito, muitos professores sofrem de uma síndrome chamada Burnout (cientificamente comprovada), que é uma resposta emocional a situações de estresse crônico em função de relações intensas e em situações de trabalho adversas. Essa síndrome, diga-se de passagem, atinge profissionais de educação do mundo inteiro e não exclusivamente do Distrito Federal.
- Além disso, ainda são verificados outros problemas de saúde típicos da profissão, como calos nas cordas vocais, alergias, lesão por esforço repetitivo (LER), depressão e síndrome de pânico, entre outros.
- Há mais de cinco anos o Sinpro-DF alerta os governantes para o adoecimento da categoria e tenta discutir com o governo a implementação de um programa preventivo e curativo dos problemas de saúde apresentados pelos educadores. O GDF nunca deu importância a essa questão.
- Durante a campanha eleitoral, o atual governador enviou aos educadores uma carta em que se comprometia com diversas reivindicações históricas da categoria e com a destinação de recursos significativos para a Educação.
- Agora, o GDF tenta desviar a atenção da sociedade para o descumprimento das promessas feitas em campanha e, por meio da secretária de Educação, acusa os professores de serem responsáveis pelos graves problemas do ensino público no DF, ao mesmo tempo em que tenta retirar direitos da categoria.
- Ao tratar as questões dessa maneira, o GDF, além de aumentar os problemas de stress nos professores, investe no confronto com a categoria. Tentar confrontar os professores nesse momento é investir no caos da Educação e a maior vítima é a sociedade. Porém, para o GDF, parece ser mais fácil apontar bodes expiatórios a assumir responsabilidades.
- A população do DF é consciente da importância dos professores na formação de seus filhos e deve exigir dos governantes que cumpram suas obrigações.
- Os professores não admitem esse desrespeito e estão prontos para lutar pela manutenção dos seus direitos, pelo cumprimento das promessas feitas pelo governo e pela valorização da Educação Pública no Distrito Federal.
- As professoras e professores exigem respeito!

Diretoria Colegiada do Sinpro-DF

## DEFASAGEM NO DF

Em 2006, 2.125 alunos matriculados no ensino fundamental regular tinham mais de 18 anos, por causa da falta de vagas na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O problema ocorre em todo o DF

Região Administrativa	18 anos	19 anos	de 20 a 29	de 30 a 39	mais de 39
Plano Piloto/Cruzeiro	144	38	35	1	0
Gama	142	30	20	0	0
Taguatinga	82	22	16	1	0
Brazlândia	69	18	24	0	0
Sobradinho	145	53	24	1	0
Planaltina	122	34	21	5	1
Núcleo Bandeirante	54	18	2	0	0
Ceilândia	243	70	49	3	0
Guará	92	13	18	4	1
Samambaia	93	16	40	4	0
Santa Maria	64	8	13	1	0
Paranoá	52	22	6	1	0
São Sebastião	67	17	4	0	0
Recanto das Emas	83	11	6	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>1.454</b>	<b>370</b>	<b>278</b>	<b>21</b>	<b>2</b>

Fonte: Secretaria de Educação do DF